

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

BRUNO JOSÉ CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**VALÊNCIO E POTY: UMA ANÁLISE ARTÍSTICA E SOCIAL DA OBRA A
*PROPÓSITO DE FIGURINHAS***

CURITIBA

2022

BRUNO JOSÉ CAVALCANTE DE OLIVEIRA

**VALÊNCIO E POTY: UMA ANÁLISE ARTÍSTICA E SOCIAL DA OBRA A
*PROPÓSITO DE FIGURINHAS***

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

VALÊNCIO E POTY: UMA ANÁLISE ARTÍSTICA E SOCIAL DA OBRA À PROPÓSITO DE FIGURINHAS

por

BRUNO JOSÉ CAVALCANTE DE OLIVEIRA

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 15 de março de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin
Membro titular

Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche
Membro titular

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Uma vida não seria capaz de traduzir minha gratidão às pessoas que estão ao meu lado nesta jornada. Quem dirá numa única folha. Mas como a vida é feita de desafios, reservo este breve espaço para eternizar meu amor em algumas palavras.

À minha mãe, minha melhor amiga. É ela quem sempre demonstrou confiança nas minhas aptidões e anseios.

Ao meu pai, pelos conselhos, apoio financeiro – sempre que necessário – e atenção.

Minha esposa Luana pela compreensão nos momentos em que estive ausente. Minhas filhas Joana e Valentina pelos abraços e beijos puros.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima, pelo conhecimento quase que inesgotável que transmite pelo simples ato de amar a docência.

Aos meus colegas de turma, pela cooperação ininterrupta.

E a Deus por ser tão Bom, Justo e Perfeito.

“Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons
são tímidos. Quando estes o quiserem,
preponderarão”
(Bons Espíritos, 1857).

RESUMO

OLIVEIRA, Bruno José Cavalcante de. **Valêncio e Poty: uma análise artística e social da obra A Propósito de Figurinhas**. 25 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

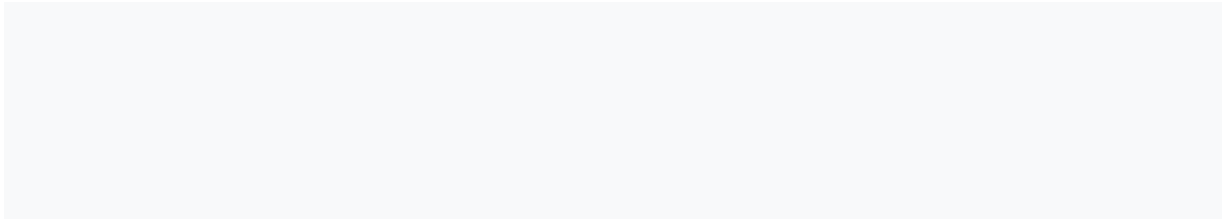
Valêncio Xavier e Poty Lazzarotto fizeram parte de um grupo de artistas que deu sequência à construção de uma mitologia nacional que ainda continua viva, subterfúgio poderoso para a construção da identidade de um Brasil miscigenado. A presente pesquisa aborda a obra A Propósito de Figurinhas, livro lançado em 1986. O foco é a relação entre a cultura global e local de meados do século XX no Brasil.

Palavras-chave: Literatura. Arte contemporânea. Identidade paranaense. Poty Lazzarotto. Valêncio Xavier.

ABSTRACT

Valêncio Xavier and Poty Lazzarotto were part of a group of artists who continued to build a national mythology that is still alive, a powerful subterfuge for the construction of the identity of a mixed Brazil. This research aims at studying *A Propósito de Figurinhas*, a book published in 1986. The focus is the relationship between the global and the local culture in the mid-20th century in Brazil.

Keywords: Literature. Contemporary art. Paraná identity. Poty. Valêncio.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – No Circo	17
Imagem 2 – Bombeiro	18
Imagem 3 – Na revolução	19
Imagem 4 – No Amazonas	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DESENVOLVIMENTO.....	13
3 CONCLUSÃO.....	22
4 REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

O amor dos autores pela história do Paraná, pela história do país e pela vida de seus personagens anônimos foi eternizado na obra *A propósito de Figurinhas* (1986), de Valêncio Xavier e Poty Lazzarotto, um livro moldado à base de fragmentos: 64 páginas que se ligam e que trazem à tona contextos de uma realidade vivida pelo povo brasileiro em meados do século XX numa linguagem poética e costurada em prosa sintética, situações cotidianas que constroem recortes de uma história.

É certo que mensagens midiáticas não exercem uma função homogênea sobre os receptores. Baseado em sua cultura, cada ser faz diferentes usos das mensagens recebidas. Dito isso, o estudo que este projeto propõe desenvolver é, também, analisar duas dimensões que se afetam mutuamente: os processos comunicacionais e os contextos sociais. Dimensões que, sob o olhar crítico deste pesquisador, são fundamentais para entender a comunicação realizada pelo escritor paulista e pelo artista paranaense.

Selecionar estes episódios seria, também, uma “forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais resumida” (BENJAMIN, 2006, p. 239). A pergunta que fica é se poderíamos sentir o “real”. Esta realidade talvez seja apenas um jogo, um objeto da percepção de um outro personagem da vida real. Mesmo assim, a obra serve como base para eternizar uma outra forma de perspectiva:

Por um lado, o objeto memorizado se aproximou de nós: pensamos tê-lo “reencontrado”, e podemos manipulá-lo, fazê-lo entrar numa classificação, de certo modo temo-lo na mão. Por outro, é claro que fomos obrigados, para “ter” o objeto, a virar pelo avesso o solo imaginário desse objeto, seu lugar agora aberto, visível, mas desfigurado pelo fato mesmo de pôr-se a descoberto: temos de fato o objeto, o documento, mas seu contexto, seu lugar de existência e de possibilidade, não o temos como tal. Jamais o tivemos, jamais o teremos. (DIDI-HUBERMAN, 2006, p. 176).

A pesquisa centrar-se-á na análise de uma obra que serviu e ainda serve como instrumento de manifestação política e social - com o objetivo de compreender

a dinâmica entre contextos históricos, significados, motivos, aspirações, crenças e valores de dois dos grandes nomes da arte de escrever e de desenhar a realidade de um povo que ainda sofre com a disparidade de direitos, privilégios e oportunidades.

2 DESENVOLVIMENTO

Napoleon Potyguara Lazzarotto quis traduzir em arte o mundo que via. Um simples cidadão e artista curitibano – mesmo tendo seus traços reverenciados mundo afora – que, acima de tudo, preocupava-se em eternizar, com a permanente preocupação social, os contextos sociais em que estava inserido.

Para muitos, foi o artista paranaense que alcançou o maior destaque no cenário nacional da arte moderna brasileira. Impactou, com sua forma de desenhar o mundo, a vida de milhares de pessoas - do anônimo aos holofotes da política e da intelectualidade do século XX.

Já o paulista Valêncio Xavier Niculitcheff – curitibano assumido de coração, já que chegou em terras sulistas aos vinte e poucos anos de idade, em 1954 – é considerado como um dos maiores escritores, cineastas e roteiristas de sua geração.

Repórter eternizado nos periódicos da Gazeta do Povo e Folha de São Paulo. Foi na década de setenta que Valêncio se destacou no audiovisual. Produziu reportagens televisivas em âmbito nacional. Fez parte da equipe que produziu “O Pasquim”, jornal que deu liberdade para a experimentação de linguagem e escolha de temas. E isso sem falar nas obras documentais e da sétima arte – sempre com características próprias de linguagens e sons.

Foi neste cenário de intensa produção regional que Poty e Valêncio se conheceram e firmaram uma das parcerias mais emblemáticas da época. Como resultado desta união, foi publicada, ainda em 1986, a obra *À propósito de Figurinhas*.

À época, o êxodo rural vivia seu auge no país. Entre as consequências desta realidade, além da aceleração da urbanização - as metrópoles brasileiras viraram elo entre artista e mundo. Diante disso, criaram-se relações entre a visão do sujeito e a realidade. Elementos que mantiveram viva a chama da importância da arte para os dias atuais – já que, na obra “História da arte como história da cidade”, Giulio Carlo Argan alerta que, diante do advento do poder tecnológico, o fim é uma ameaça constante:

“Mas se a arte é, como certamente é, uma das maneiras pelas quais os homens fizeram a história, a qualquer momento a empresa artística pode falir [...] Não se luta sem correr o risco de morte. Aqueles a quem chamamos grandes mestres e que, na história da arte, elevaram-se a uma

grandeza heroica são os que mais arriscaram e que enfrentaram mais próxima e decididamente o risco final da morte da arte". (ARGAN, 1998, p. 71)

O HOMEM SOCIAL

A arte é produto da sociedade e da cultura em que foi gerada. Para Fernando Hernández, é a arte "uma forma de conhecer e representar o mundo" (HERNÁNDEZ; 2000, p. 123). Segundo ele, a contemporaneidade abriu portas à importância de olhá-la como uma representação de significados. Isso quer dizer que, diante disso, não há olhares nem verdades absolutas.

Dai vem a importância da participação de agentes sociais - como Poty e Valêncio - na construção de produtos culturais e de suas relações com a pós-modernidade. E assim o fizeram.

Há tempos discute-se a importância de uma relação sincrônica entre o cidadão e a cidade. Do pegar o ônibus às caminhadas pelas ruas, avenidas e visitas aos centros históricos. Da relação no cotidiano às decisões políticas da cidade. Essa rotina retrata o compromisso ético e político do dia a dia pleno de um grupo estabelecido e num espaço geograficamente delimitado.

Esta ideia resume-se à proposta do "direito à cidade", defendida pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre. Para ele:

A necessidade de segurança e abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar e a necessidade de reunir essas percepções num mundo. (LEFEBVRE, 2008, p. 105)

Para ele, a apropriação é um dos requisitos essenciais ao direito à cidade, alinhado ao discurso do filósofo como o "direito à vida urbana, transformada, renovada" (LEFEBVRE, 2008, p. 118). Harvey (1993, p. 33) também analisa que "o modernismo, depois de 1848, era em larga medida um fenômeno urbano, tendo existido num relacionamento inquieto, mas complexo com a experiência do crescimento urbano explosivo". Mas, afinal, o que é modernismo e qual sua relação com o pós-moderno?

ARTISTAS DO PÓS-MODERNO

A modernidade é definida por muitos como um período advento da Revolução Industrial, ainda em meados do século XVIII. Época da história humana em que a crença no progresso financeiro, social e cognitivo da massa era algo presente. Afloraram-se os ideais iluministas. Entende-se, então, o pós-moderno como uma condição da sociedade existir depois da modernidade. Mas essas diferenças vão além deste breve resumo. Inclusive, é uma das discussões mais acentuadas da academia na contemporaneidade.

Em *Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio* (1997), Jameson faz um estudo aprofundado entre o modernismo e o pós-modernismo. Entre estas diferenças, destaca-se a relação com o mercado.

Quanto à textualidade pós-modernista, o autor faz a seguinte observação:

Os clássicos do moderno podem certamente ser pós-modernizados, ou transformados em “textos”, senão em precursores da “textualidade”: as duas operações são relativamente diferentes, uma vez que os precursores - Raymond Roussel, Gertrude Stein, Marcel Duchamp - sempre tiveram uma certa dificuldade de se enquadrar no cânone modernista. Eles são os casos exemplares e as testemunhas oculares apresentados para comprovar a identidade entre o modernismo e o pós-modernismo, uma vez que, em suas obras, pequenas mudanças, uma mera troca perversa de posições, transformam o que deveriam ser os valores estéticos do mais clássico alto modernismo em algo desconfortável e remoto (porém mais próximo de nós!). É como se eles formassem uma oposição no interior da própria oposição, uma negação estética da negação; contra a já anti-hegemônica arte de minoria do moderno, eles encenaram sua rebeldia privada ainda mais minoritária e privada, que, é claro, se tornará por sua vez canônica quando o moderno se congelar e se transformar em peça de museu. (JAMESON, 1997, p. 307)

A relação entre tempo e espaço é algo presente. Entretanto, não há uma preocupação linear com a compreensão racional do pós-moderno. E esta, talvez, seja uma das principais características de Poty e Valêncio na obra *A propósito de Figurinhas* (1986). Os textos são independentes, mas são compostos de narrativas que se cruzam. Criam, diante disso, um sincronismo de tempo e espaço.

Para Ihab Hassan (citado por Perry Anderson), que escrevia para o jornal e foi um dos teóricos preocupados com o pós-modernismo nas artes, principalmente na música e na pintura:

O pós-modernismo, como forma de mudança literária, poderia ser distinguido tanto das vanguardas mais antigas (cubista, futurista, dadaísta, surrealista etc.) como do modernismo. Nem olímpico e distante como este nem boêmio e rebelde como aquelas, o pósmodernismo sugere um tipo diferente de acomodação entre a arte e a sociedade (ANDERSON, 1999, p. 57).

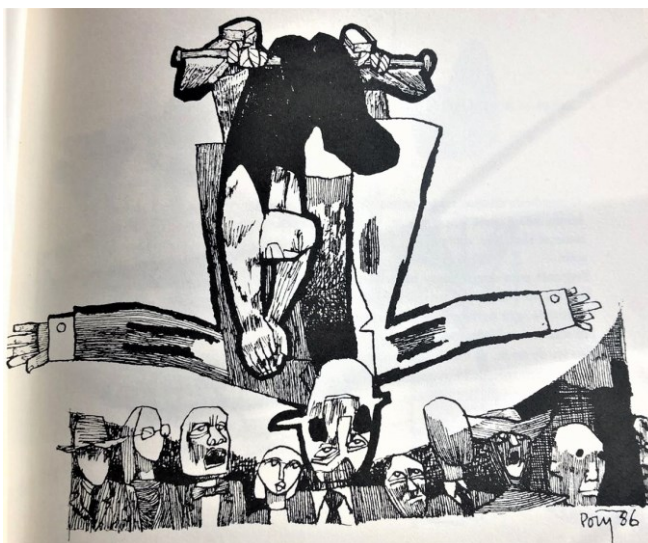
Se é possível pensar em alguma forma de classificação para as obras de Valêncio e Poty, o pós-modernismo caberia por ser o mais elástico dos termos. Afinal de contas, existe uma variedade finita de possibilidades de narrativas, tecnologias e estéticas. E é partindo deste pressuposto que alguns textos da obra *A Propósito de Figurinhas* vão ser analisados diante dessa preocupação social, política, da relação híbrida entre texto e imagem e das características dos pós-moderno.

CRÍTICA NUA, CRUA, POBRE E COM FOME

A escritura de Valêncio e os traços de Poty foram moldados em lugares incertos. São pontos de desequilíbrio e de descontinuidades, mas com posições políticas e de responsabilidade social constantes. A obra propõe ao leitor uma dinâmica não sequencial. É possível pular páginas sem comprometer a recepção do conjunto.

Em *O Circo* é clara a crítica social diante da disparidade econômica que o Brasil vivia àquela época. Na frase “Rufar de tambores e entro no picadeiro para dar uma demonstração de fome”, o palhaço, narrador e protagonista da cena, ironiza e traz à tona uma realidade social. “Que fantasia devo usar para ter ao menos três refeições ao dia? Colarinho branco? Farda de general? Ou pijama de hospital?” Na sequência do texto, o público que assiste à apresentação critica os questionamentos e pede a presença apenas do palhaço. Valêncio finaliza o texto: “Aí sou obrigado: Visto a roupa de palhaço, pinto a cara, conto a piada do pinto, todo mundo ri e, com o dinheiro das palmas, eu tomo uma refeição quente.” (XAVIER, 1986, Nº 74)

Imagem 1: No Circo



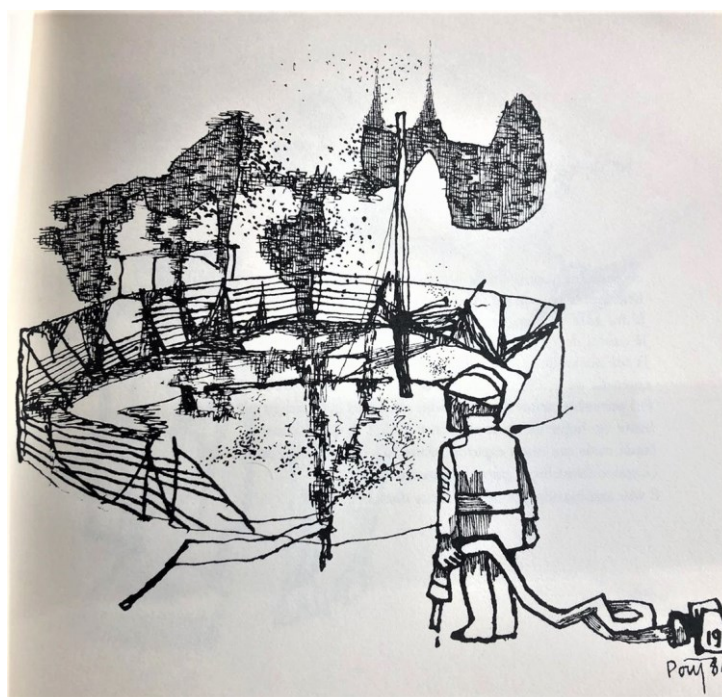
Fonte: A propósito de Figurinhas (1986)

Poty, por sua vez, personifica o artista no primeiro plano. Num segundo plano, a fantasia de um homem gordo, forte e com expressão sisuda – típica de políticos e militares. E, abaixo, o público ansioso apenas pelo quer ver e ouvir. Indiferente diante de aspectos sociais e da dor do outro, preocupa-se e paga o ingresso apenas para sorrir. E ponto.

E essa despreocupação – ou descaso – com problemas de ordem social está implícita em *O Bombeiro*. A história envolve um bombeiro que não chegou a tempo para combater as chamas que haviam dominado as estruturas de um circo. O texto, escrito na primeira pessoa, indaga que a culpa não teria sido dele. “Não vimos nada, nem sabemos de nada, estávamos sentados lá”. Logo na sequência, a crítica é nítida quando o autor diz:

Pergunte para quem estava na primeira fila. Pergunte prô general da banda, prô homem do arame, prô presidente dos bacanas, pra mulher barbada, prô chefe da guarda, prô porta-voz [...] Não sei de nada, só estou aqui porque me puzeram. E como não gosto de encrenca prô meu lado, o prejuízo deixa que eu pago. Mas, vê se pode ser em humilhantes prestações mensais, sem jutos e sem correção monetária. (XAVIER, 1986, Nº 85)

Imagem 2: Bombeiro



Fonte: A propósito de Figurinhas (1986)

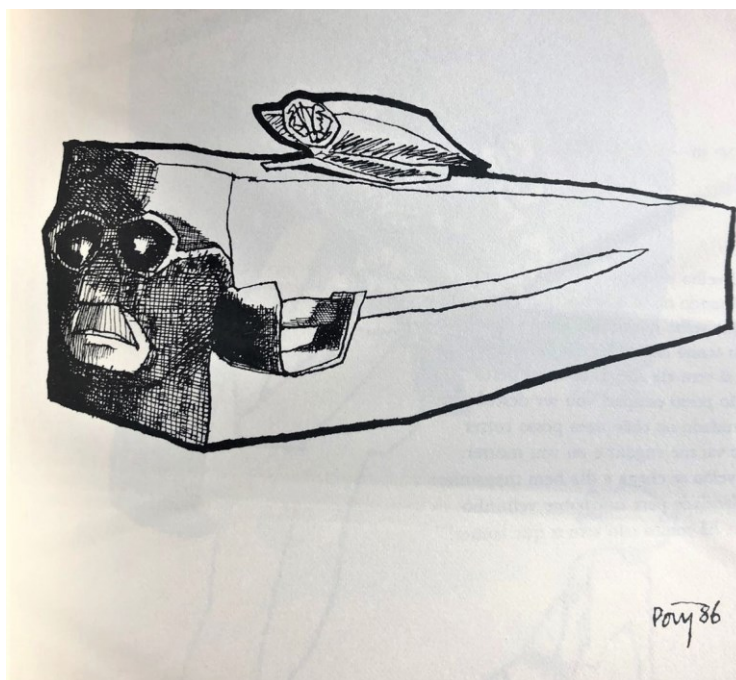
A ilustração de Poty retrata um bombeiro desolado com o resultado do incêndio. Ponto de semelhança com as metáforas-chave da escritura de Valêncio e fazendo uma correlação da ideia contemporânea de que independentemente das circunstâncias da vida, o “eu” cidadão dificilmente assume responsabilidades perante o coletivo.

Contextos políticos e, principalmente, sociais sofreram consequências avassaladoras durante a ditadura militar – de 1964 até meados de 1985. Um ano após a eleição do primeiro presidente civil brasileiro, problemas sociais era visíveis nas grandes metrópoles. A capital do Paraná não vivia numa realidade muito distante. Valêncio e Poty, no texto *Na Revolução*, eternizaram críticas incisivas ao regime ditatorial vivido por brasileiros e brasileiras em meados do século XX.

O texto inicia trazendo à tona o dia primeiro de abril – data popularmente conhecida como o Dia da Mentira. Na sequência, o autor fala: “abriu o curral e as vacas fardadas vieram comer nossa horta [...] Baxa o cacete sem dó nem perdão.” Já no segundo parágrafo, Valêncio enaltece a violência praticada pelos militares ao fazer uma referência à música infantil *Marcha Soldado*. E completa: “Quartel pegou fogo promova o general. Acuda o dedo-duro de óculos escuro”. Já no terceiro parágrafo, destaca a fome como um dos maiores problemas sociais da época: “Um,

dos, o pior veio depois. Três quatro, falta feijão no prato. Aí cinco seis, azar o de vocês. Sessenta e oito, tortura não é biscoito.” Já no fim do texto, ironiza: “Viva a Revolução, salve a corrupção. Suba a inflação, lugar de brasileiro é na prisão [...]”, finaliza Valêncio. (XAVIER, 1986, Nº 39)

Imagem 3: Na Revolução



Fonte: A propósito de Figurinhas (1986)

Poty, com seus traços firmes, de pura autenticidade e com seu poder de síntese, propõe a ilustração de uma espécie de um forma retangular de gelo com rosto de um homem de óculos escuros. Em cima, um quepe ou chapéu comumente usado por militares e fincado no gelo uma espada também por militares das forças armadas brasileiras. Passa-se a ideia de que o gelo eterniza um símbolo de força e opressão. À frente, os olhos de quem tudo vê e delata.

A preocupação social, os aspectos do cotidiano, as dores de uma vida sensível e, muitas vezes, mal compreendida pelo coletivo foram fontes de inspiração para Valêncio. O escritor Joca Reiner referiu-se à escrita do paulista como sendo única.

Creio que o grande mérito de sua obra está na originalidade, que entre as qualidades literárias talvez seja a mais rara. Valêncio Xavier era uma avis rara. Sua literatura única recuperava a memória pública descartada pelos jornais, revistas, pela publicidade e pelo jornalismo para reescrever o presente. E o resultado não era nada complacente, muito pelo contrário. (MOZER, 2013)

Aspectos de um passado não tão distante, mas que sinalizam indícios de presente futuro. A realidade exposta no texto de Valêncio e no desenho de Poty vão muito além do ontem. Como disse Walter Benjamin, ensaísta e crítico literário alemão, em *Obras Escolhidas*:

A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. [...] Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas a exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (BENJAMIN, 1995, p. 239).

O MEIO AMBIENTE NOS 80. PREMONIÇÃO?

Não é de hoje a afirmação de que Valêncio e Poty sempre estiveram antenados às questões ambientais. Mal se falava no buraco na camada de ozônio, na realidade do efeito estufa e das consequências do aquecimento global, o texto *No Amazonas* alertava às queimadas criminosas da flora e ao comércio ilegal da fauna amazônica. O texto inicia com um anúncio do que vivemos na contemporaneidade. Começa assim: “Visite o Amazonas antes que acabe. Antes que levem tudo embora. Pele de jacaré, madeira do Jari, pena de pássaro”. O autor alerta aos interesses internacionais e à realidade do povo nortista. E finaliza a obra – com a utilização da rima, uma característica textual não usual do autor - trazendo à tona os mesmos problemas sociais enfrentados em terras paranaenses: “E se tempo lhe sobrar. Se dinheiro você ainda tem. Visite o Paraná. Antes que acabe também”. (XAVIER, 1986, N° 143)

Imagem 3: No Amazonas**Fonte: A propósito de Figurinhas (1986)**

A ilustração de Poty, que faz referência ao texto, talvez seja uma das mais complexas – em termos de análise semiótica – e cheias de signos e significados. Na parte superior da obra, o artista paranaense eternizou símbolos típicos da região norte do país. O jacaré; o sol no plano central; uma tartaruga, conhecido também na região como tracajá; e uma ave. No centro e em destaque a vitória régia. E, na parte inferior, um leito de rio; a beira que faz encontro com a água; e no canto direito um ribeirinho riscando uma seringueira - protagonista de um importante período econômico da região durante o século XIX e início do XX – para a retirada do látex utilizado na fabricação da borracha.

3 CONCLUSÃO

A arte é produto da sociedade e da cultura em que ela foi gerada. É puro reflexo daquilo que se vive, sente e, quase sempre, sofre. E assim pode-se resumir a trajetória de Poty e Valêncio. Mais do que amigos. Missionários de uma revolução ainda em curso. Acreditaram na força do amor. Amor pela arte e pelo convívio em sociedade. Amor pelas descobertas. Amor por quem viveu as malezas da vida naquela época.

Os anos passaram. O artista plástico curitibano despediu-se deste plano ainda em 98. Valêncio deixou saudades a partir de 5 de dezembro de 2008. Entretanto, a representação da vida que eles deixaram para a sociedade perpetua nos tempos atuais. Daí vem a importância de abrir portas para a arte como plataforma de representação de significados. Ou seja, não há tempo nem verdades absolutas quando os olhos são humanos.

Valêncio e Poty foram dois grandes agentes sociais. Construíram, juntos, a obra *À Propósito de Figurinhas* – objeto desta presente pesquisa. Produto cultural que se relacionou com a dialética, com a política e que foi instrumento de uma revolução lida, mas silenciosa.

Ao utilizar uma linha de raciocínio do escritor mexicano Nestor Garcia Canclini, há uma construção de séculos na América Latina no campo de uma cultura híbrida, onde a modernidade anda lado a lado com a pluralidade do seu povo. E essa é uma realidade latino-americana que, mesmo diante de tantos conflitos de interesses, construiu um caminho para a elaboração de identidades nacionais no continente. Segundo ele:

[...] seria preciso entender a sinuosa modernidade latino-americana repensando os modernismos como tentativas de intervir no cruzamento de uma ordem dominante semi-oligárquica, uma economia capitalista semi-industrializada e movimentos sociais semitransformadores (CANCLINI, 1998, p. 83).

Esta pesquisa propôs-se, por fim, a sintetizar esta recriação de um mundo visto por dois dos grandes personagens da cultura contemporânea brasileira. Eterniza-se a possibilidade de reinventar a história brasileira, já que o passado abordado por eles tem um universo de possibilidades, cheiros e cores do seu povo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *As origens da Pós-Modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998.

DIDI-HUBERMAN, G. **Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual e mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo - A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008.

MOZER, Sandro. **Homenagem a Valêncio Xavier**. Gazeta do Povo, caderno G., 17 de Março de 2013. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/homenagem-a-valencio-xavier-b0f6ghsleuu362hfvdm2cn68e/> . Acesso em: 04 de nov. de 2021.

XAVIER, Valêncio. **À propósito de figurinhas**. Curitiba: Studio R. Krieger, 1986